



Carta Mensal



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT



Caros leitores,

É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa **Carta Mensal**.

Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.

Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para **sua compreensão do atual cenário de investimentos**.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.

Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil



ECONOMIA



Andressa Castro

Economista-chefe

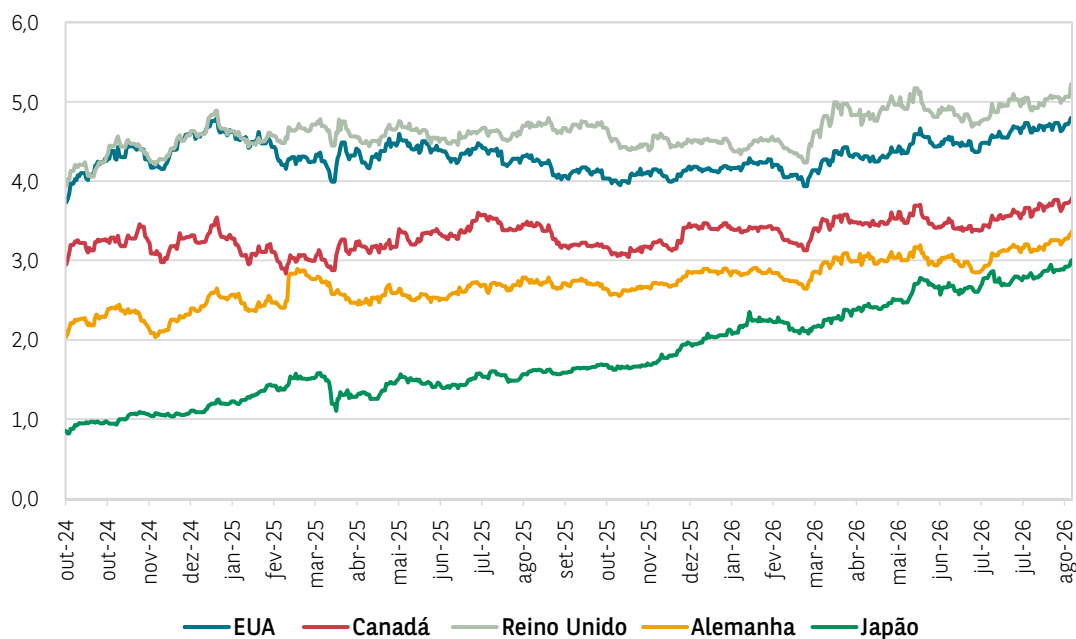
“Esse ambiente de taxas de juros globais mais elevadas traz um cenário desafiador para países emergentes, apesar do enfraquecimento do dólar no último mês.”

ECONOMIA INTERNACIONAL

O mês de agosto foi marcado pela elevação nas taxas de juros longas de diversos países, especialmente desenvolvidos, acompanhando a abertura das taxas de juros americanas. Desde o início do ano, a Treasury americana de 10 anos subiu cerca de 60 pontos-base (“bps”), ao mesmo tempo em que a taxa dos títulos de 10 anos do Reino Unido subiu 66 bps, do Canadá 35 bps, da Alemanha 49 bps e Japão 88 bps. Nesse contexto, vale destacar a decisão do tesouro americano de dobrar a recompra de títulos longos, quando a taxa dos títulos de 30 anos dos EUA alcançou o maior patamar desde 2007, de 5,30. Alguns motivos podem ser atribuídos a esse movimento, como a falta de ajuste fiscal diante de um endividamento elevado do governo americano, uma redução de compradores marginais de Treasuries (incluindo China, Japão, por exemplo), a perspectiva de aumento de taxa neutra de juros acompanhada de maior produtividade impulsionada por IA e elevação do prêmio a termo diante de um cenário de maior volatilidade e incerteza sobre inflação e a taxa de juros.

Gráfico 01

Taxas de Juros de 10 anos (%)



Fonte: Bloomberg agosto/2026

Em relação às taxas de juros americanas de mais curto prazo, o mercado aguarda a decisão de política monetária do *Federal Reserve* ("Fed") em setembro. A precificação se encontra dividida entre a alta de juros e a manutenção. Por um lado, os dados recentes de inflação têm apresentado uma desaceleração, contando com a dissipação dos efeitos das tarifas sobre os preços de bens, ao mesmo tempo em que os aluguéis têm apresentado um arrefecimento e a desaceleração dos salários não geram pressão adicional de demanda, principalmente sobre a inflação de serviços. Por outro lado, o Presidente do Fed, Kevin Warsh, apresentou um discurso duro no Simpósio de Jackson Hole, informando que a inflação permanece excessivamente elevada e cabe ao Fed garantir a convergência para a meta de 2%. Adicionalmente, diversos diretores membros do *Federal Open Market Committee* ("FOMC") tem condicionado seus votos aos dados que serão divulgados até a próxima reunião.

Esse ambiente de taxas de juros globais mais elevadas (tanto curtas quanto longas) traz um cenário desafiador para países emergentes, que precisam manter um nível de diferencial de juros em relação a países menos arriscados para atrair investimentos estrangeiros. No último mês, no entanto, o dólar enfraqueceu em relação a seus principais pares e a moedas emergentes, sobretudo de países Latam (Brasil, Colômbia, Peru, Chile e México), trazendo algum alívio no curto prazo.

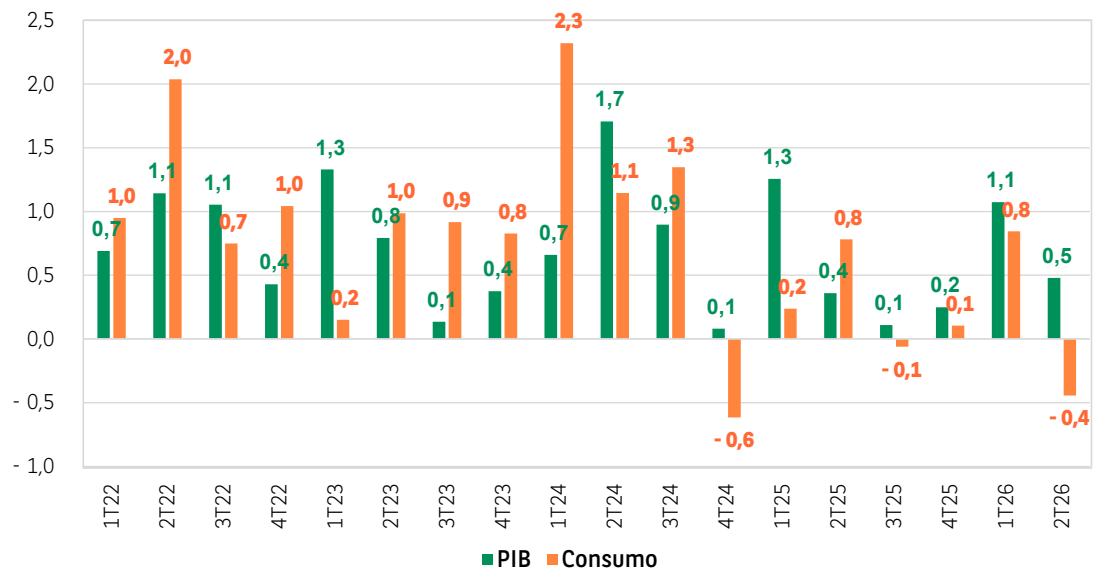
ECONOMIA BRASILEIRA

No Brasil, o mercado apresentou um desempenho positivo desde a segunda quinzena de agosto, com as taxas de juros caindo, bolsa subindo e câmbio apreciando. À medida que a eleição se aproxima, os movimentos de mercado se tornam mais sensíveis ao fluxo de notícias políticas, além de responderem à divulgação de dados macroeconômicos. A bateria recente de se mostrou a favor da adição de risco, indicando uma desaceleração bem-vinda da economia e eficácia do aperto monetário conduzido pelo Banco Central ("BC")

Do lado do mercado de trabalho, o desemprego permaneceu baixo e estável, enquanto outros dados apresentaram sinais de arrefecimento, ajudando na perspectiva inflacionária adiante. Houve uma redução do ritmo de criação de empregos medidos pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados ("CAGED"), passando a rodar em linha com o patamar que consideramos condizente com a manutenção da taxa de desemprego. Ao mesmo tempo, observou-se uma desaceleração de salários, que anteriormente estavam crescendo muito acima da produtividade e contribuindo para inflacionar a economia.

Diante da queda real de salários observada entre março e junho, o consumo apresentou uma contração segundo os dados de PIB do 2º trimestre. Mais detalhadamente, o PIB cresceu 0,5% no trimestre em relação ao trimestre anterior, apresentando uma desaceleração em relação ao ritmo elevado de crescimento do 1º trimestre. Do lado da oferta, o destaque foi o crescimento do setor agropecuário e da indústria extrativa, ou seja, de setores não-cíclicos. As atividades mais cíclicas como a indústria de transformação, construção e comércio apresentaram um enfraquecimento. Sob a ótica da demanda, a demanda doméstica ficou estagnada, com queda de -0,4% na variação trimestral do consumo das famílias, compensada pelo crescimento dos investimentos e do consumo do governo. As importações fortaleceram, mas foram acompanhadas de um acúmulo relevante de estoques, já que o consumo não foi capaz de absorver essa oferta.

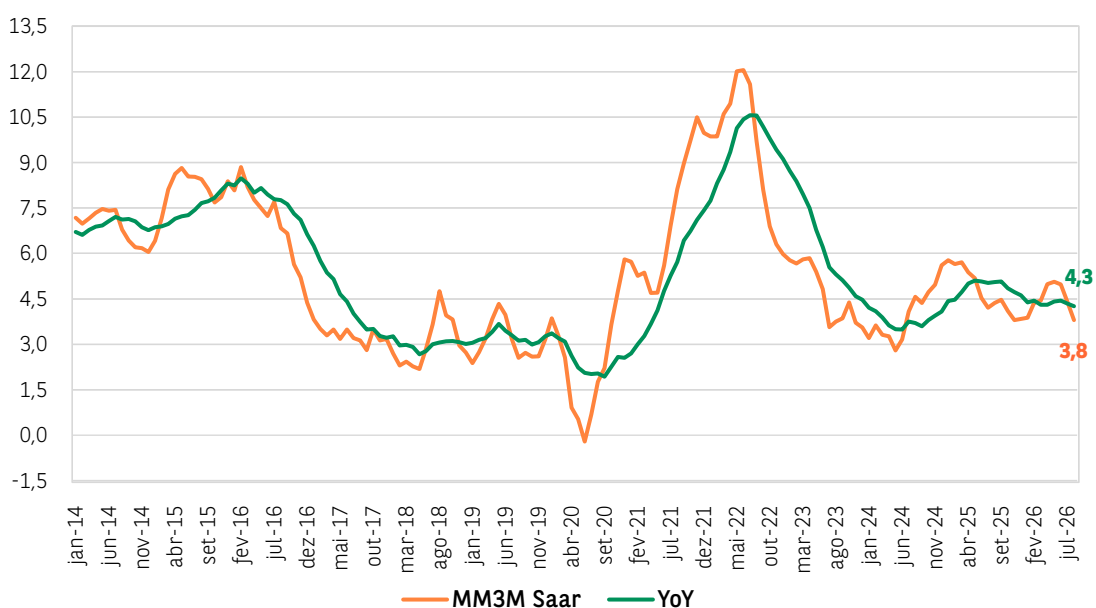
Gráfico 02
PIB e Consumo



Fonte: IBGE agosto/2026

Do lado da inflação, o cenário também se tornou mais positivo. Após 5 meses pressionado por uma alta de alimentos, impactos da guerra sobre os preços de combustíveis e efeitos de segunda ordem, o IPCA passou a apresentar um arrefecimento relevante desde junho, com leituras abaixo do esperado pelo mercado e abaixo das projeções de curto prazo do BC. O Focus passou a registrar revisões baixistas para o IPCA do ano de 2026, apesar de não apresentar melhora para 2027 em diante. Para os próximos meses, as maiores incertezas para o cenário inflacionário são o câmbio, que pode apresentar alta volatilidade a depender do resultado as eleições, e o impacto do El Niño, que irá pressionar a inflação de alimentos ao final desse ano e início do ano que vem.

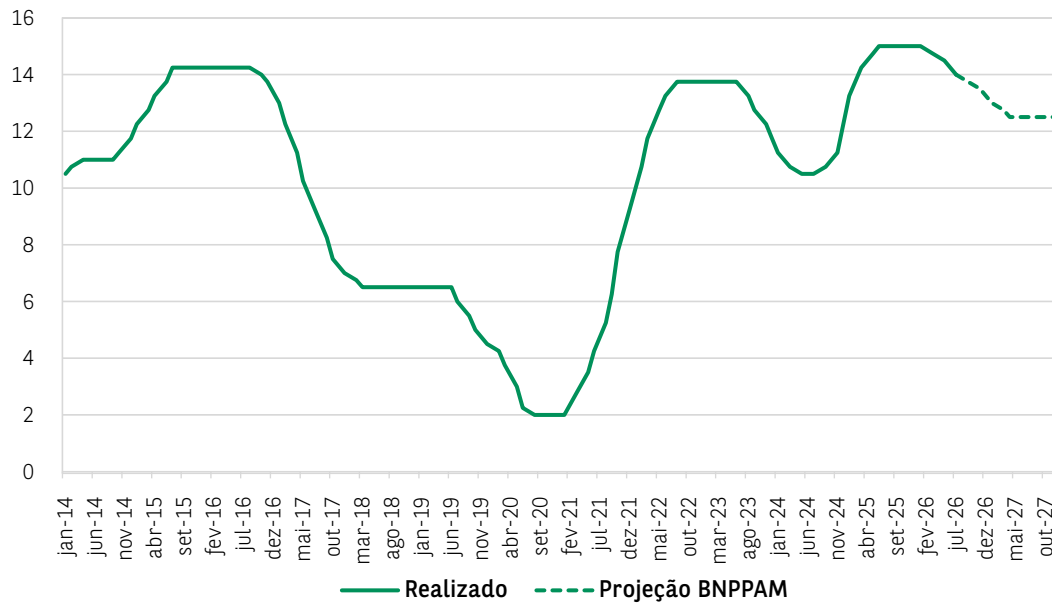
Gráfico 03
Inflação



Fonte: IBGE agosto/2026

Somando a melhora inflacionária (embora ainda elevada e incerta para o futuro) ao arrefecimento controlado da atividade, o BC tem optado por dar continuidade ao ciclo de calibragem de juros com cortes de 25 bps por reunião. Caso o câmbio permaneça bem-comportado pós eleições, vislumbramos o BC dando prosseguimento ao ciclo, sem interrupções, encerrando este ano com uma taxa Selic em 13,25% e alcançando 12,50% no ano que vem. No entanto, caso haja um stress no câmbio, é possível que o BC seja mais cauteloso e opte por uma pausa no ciclo de juros. Segundo os nossos modelos, seria necessária uma desvalorização do real para um patamar de 5,40 para conduzir o BC à pausa.

Gráfico 04
Selic



Fonte: BC, Estimativas BNPPAM Brasil agosto/2026

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



Michael Kusunoki

Head Renda Fixa & Multimercados

“... A preocupação não é com o choque em si, mas com sua persistência e capacidade de desancorar expectativas.”

Se o barulho é alto, ancore-se nos dados.

Temos vivido uma crescente onda de ruído em torno dos *policy makers*, nos EUA em específico. O Tesouro Norte Americano interveio em conjunto com o governo japonês, tentando conter a desvalorização do iene e, por consequência, evitar pressão altista na curva de juros americanas. O mesmo Tesouro anunciou um programa de *buyback* dos vértices longos de bonds, uma ação direta visando conter a tendência de inclinação na curva de juros. São medidas paliativas, que tendem a não perpetuar os efeitos desejados além do curto prazo. O que empina a curva? A dívida pública de USD 40 trilhões? A concorrência das emissões de *bonds* para financiar o astronômico capex de IA? Ou uma deterioração da confiança dos investidores nas instituições americanas? Se não impactar esses fundamentos que movem os preços, qualquer ação tende a ser limitada.

Em outra frente, a adaptação aos tempos de Kevin Warsh a frente do Fed tem sido igualmente barulhenta. A “leitura” dos agentes pendulou do rótulo *hawkish* da reunião de estreia, para um *Warsh dovish* e sem credibilidade na segunda reunião, para novamente vestir-se de falcão em Jackson Hole. Será que o problema não está na régua? Curiosamente, para um presidente que se recusa a fornecer *forward guidance*, os investidores continuam encontrando bastantes pistas em suas falas. Enfim, para um Fed que se posiciona como *data dependent*, a realidade dos dados, no caso as próximas leituras de inflação, darão o gabarito.

Se voltarmos apenas duas reuniões do Copom, encontramos um paralelo interessante. A decisão de cortar 25 bps em junho foi acompanhada de forte discordância da grande maioria dos economistas, com apontamento comum a época de que o BC estaria mais tolerante a inflação. Passados dois meses e meio, o principal risco inflacionário até piorou: o petróleo saltou de USD 80 para casa dos USD 90-95 por barril do petróleo (“Brent”). Ainda assim, tivemos uma desinflação consistente no período, com núcleos desacelerando, difusão caindo e surpresas benignas relevantes no índice cheio. É fato que a inflação de serviços ainda roda em patamar elevado, de 5% ao ano e as expectativas não acompanharam a melhora da inflação corrente, mas é inegável que o quadro foi melhor do que se imaginava há três meses.

A mesma conclusão parece emergir dos indicadores de atividade econômica. As divulgações referentes ao final do segundo trimestre mostraram que a economia cresce em ritmo mais fraco que se imaginava, sobretudo diante dos fortes estímulos fiscais anunciados pelo governo, cujo efeito deve ter se concentrado no final do primeiro semestre. Além disso, evidências anedóticas com pedidos de recuperação judicial e extrajudicial de nomes icônicos, mas também de inúmeras empresas desconhecidas, que compõe números recordes de pedidos, montam um quadro em que fica evidente o efeito da política monetária apertada, em que os juros elevados estão fazendo efeito. Ou seja, fez bem o BC em manter a serenidade e continuar o ciclo de calibragem da Selic. Afinal, os dados não só chancelaram os cortes, como abriram caminho para possível continuidade das quedas de maneira ininterrupta, mesmo durante as eleições.

Acreditamos na continuidade dessa melhora de conjuntura cíclica, que deve permitir que a Selic siga em quedas de 25 bps além do que vemos precificado pelo mercado. A diferença importante é que essa visão não depende de mudanças estruturais na economia brasileira. Não pressupõe melhora relevante das contas públicas nem soluções definitivas para questões fiscais, temas que permanecem indefinidos e altamente dependentes das escolhas que serão feitas após as eleições. Nossa convicção decorre principalmente dos dados correntes de inflação e atividade, que continuam apontando para uma economia respondendo ao aperto monetário e para um processo de desinflação mais favorável do que o consenso imaginava há poucos meses.

CRÉDITO PRIVADO



Henri Rysman de Lockerente

Head de Crédito Privado

“Setorialmente, seguimos privilegiando crédito bancário, reflexo da redução do diferencial de prêmio entre ativos bancários e corporativos e da menor oferta de emissões corporativas.”

Agosto foi marcado por uma estabilização nas condições técnicas do mercado de crédito, com a retomada dos fluxos e o fechamento dos spreads agregados. No segmento de crédito privado, observamos mais um mês de forte captação líquida positiva, movimento que se estendeu aos fundos de infraestrutura, que voltaram ao terreno positivo após meses de saídas expressivas. Esse cenário foi favorecido pela estabilização dos spreads em níveis mais atrativos, pela recuperação da rentabilidade dos fundos e por um efeito técnico proveniente do vencimento de títulos públicos (NTN-B), que direcionou parte da liquidez disponível para a classe de crédito privado.

Em termos de precificação, houve um fechamento generalizado de spreads. Tanto no universo indexado ao CDI quanto nas debêntures incentivadas, observamos uma compressão nos prêmios, sinalizando uma melhora no apetite do mercado e uma maior confiança dos investidores. No entanto, é importante notar que esse movimento agregado mascara uma diferenciação ainda elevada entre os emissores. A ocorrência de aberturas expressivas em nomes específicos reforça a importância de uma análise de crédito rigorosa e criteriosa.

No mercado primário, a atividade permaneceu relativamente fraca e com volume inferior ao mês anterior. Além da redução no volume total, observou-se uma concentração relevante em FIDCs, que representaram quase metade das emissões do mês. Por outro lado, o elevado percentual de distribuição ao mercado e o crescimento do estoque de ofertas em andamento, atingindo o maior nível desde março, sugerem a possibilidade de uma retomada mais robusta da atividade nos próximos meses. Já no mercado secundário, a liquidez permaneceu saudável, embora em patamares abaixo dos observados anteriormente, com destaque para operações em ativos dos setores de energia e saneamento.

Diante desse cenário, seguimos construtivos com a classe de ativos, apoiados pela recuperação dos fluxos e por uma oferta primária que ainda se mantém moderada. Ao mesmo tempo, o aumento de situações idiossincráticas e a dispersão entre emissores reiteram a necessidade de uma gestão ativa e seletiva. Mantemos nossa preferência por emissores com fundamentos sólidos e geração de caixa resiliente, buscando capturar oportunidades de *carry* sem assumir riscos excessivos de *duration* ou vulnerabilidades a deteriorações específicas.

RENDA VARIÁVEL



Marcos Kawakami

Head Renda Variável

“ Destacávamos, desde o início do ano, que 2026 seria marcado por maior volatilidade nos mercados. Seguimos atentos a temas que devem continuar gerando oscilação relevante para os mercados. ”

A gosto reforçou um tema que vem acompanhando os mercados ao longo de todo o ano: a dificuldade dos investidores em encontrar um ponto de equilíbrio entre crescimento econômico, inflação e riscos geopolíticos. Apesar de os principais índices globais terem encerrado o mês em alta, o período foi marcado por elevada volatilidade e mudanças importantes de narrativa - O índice S&P 500 avançou 2,62% no mês, enquanto o MSCI World subiu 2,48% — um resultado que, superficialmente, subestima a volatilidade observada ao longo do período. Nos Estados Unidos, o debate passou a girar não apenas em torno do potencial de crescimento associado à inteligência artificial, mas também dos custos necessários para sustentar esse crescimento. Ao mesmo tempo, o discurso mais duro do Fed reforçou a percepção de que o combate à inflação permanece como prioridade, mesmo diante dos sinais de desaceleração observados em alguns segmentos da economia.

A continuidade do conflito no Oriente Médio contribuiu para ampliar essa complexidade. A valorização do petróleo e o forte desempenho dos ativos tradicionalmente associados à proteção inflacionária e à preservação de valor, como ouro e prata, evidenciaram a permanência de um ambiente de cautela. O setor de energia foi o grande destaque do mês, impulsionado quase inteiramente pela escalada do conflito EUA-Irã e a ameaça direta ao trânsito no Estreito de Ormuz. O Brent saltou 4,32%, fechando o mês em USD \$90,49 após as forças dos EUA atingirem lançadores de foguetes iranianos em 30 e 31 de agosto, provocando retaliações do Irã contra os Emirados Árabes e a Jordânia. Houve momentos de alívio no meio do mês, com o otimismo diplomático em torno de um acordo mediado por Omã reduzindo brevemente os preços do gás na Europa, mas a retomada das hostilidades nos últimos dias de agosto anulou esses ganhos. Falando em commodities metálicas tivemos os metais preciosos performando bem em agosto: o ouro avançou 9,45% para USD \$4.437 por onça, e a prata saltou 14,45% para USD \$66,58, registrando seu maior ganho mensal no ano. O papel dessas commodities como ativos de porto-seguro e proteção contra a inflação foi o grande motivo dessa performance mais positiva dado um ambiente de risco geopolítico e junto com um tom mais hawkish do Fed. Ao mesmo tempo, indicadores de atividade econômica mais fracos em regiões importantes, especialmente na China e em parte da Europa, reforçaram dúvidas sobre a intensidade do crescimento global nos próximos trimestres. Dessa forma, os mercados permaneceram divididos entre duas forças concorrentes: de um lado, os riscos inflacionários alimentados pela geopolítica e pelos preços de energia; de outro, uma atividade econômica que segue apontando para um ritmo mais moderado de expansão.

Nos mercados emergentes, a performance agregada mascarou uma forte dispersão entre países e setores - o índice *MSCI Emerging Markets* superou significativamente seus pares, avançando 4,28% em agosto. A recuperação observada em determinadas commodities industriais ajudou alguns mercados exportadores, mas a fragilidade da atividade chinesa continua limitando uma melhora mais consistente para ativos cíclicos globais. Esse comportamento reforça nossa percepção de que o ambiente internacional continua sendo marcado muito mais pela seleção criteriosa de empresas e setores do que por movimentos amplos e homogêneos de mercado.

No Brasil, os desafios permanecem predominantemente domésticos. A proximidade das eleições e as discussões em torno da trajetória fiscal continuaram influenciando o comportamento dos ativos, contribuindo para um aumento do prêmio de risco exigido pelos investidores. Embora o mercado tenha apresentado alguma recuperação na reta final do mês, impulsionada por mudanças marginais na percepção eleitoral e pela estabilização dos fluxos estrangeiros, seguimos observando um ambiente de elevada sensibilidade a notícias políticas e econômicas. Apesar desse contexto mais desafiador, continuamos enxergando uma assimetria interessante entre preços e fundamentos. Os lucros corporativos mostram sinais de estagnação em diversos setores e, em alguns casos, de deterioração marginal. No entanto, entendemos que os ativos já incorporam grande parte dessas preocupações. Diversos segmentos da bolsa brasileira voltaram a negociar próximos das mínimas históricas em termos de *valuation*, cenário que consideramos incompatível com a qualidade de muitas empresas listadas e com o potencial de geração de valor ao longo do ciclo econômico.

Reconhecemos que a ausência de catalisadores de curto prazo e o aumento das incertezas políticas dificultam uma recuperação mais consistente desse segmento. Ainda assim, acreditamos que os níveis atuais de preço oferecem uma relação risco-retorno cada vez mais atrativa para investidores com horizonte de longo prazo.

Olhando para frente, entendemos que os principais vetores de volatilidade seguem relativamente bem definidos. No cenário internacional, os desdobramentos geopolíticos, a evolução da inflação e as eleições legislativas americanas continuarão influenciando as expectativas para crescimento e juros globais. No Brasil, o debate eleitoral deverá permanecer no centro das atenções dos investidores nos próximos meses, afetando diretamente as projeções para política fiscal, atividade econômica e desempenho dos ativos locais.

Como destacávamos desde o início do ano, nossa expectativa era de que 2026 seria marcado por um ambiente de volatilidade superior à média histórica. Os eventos geopolíticos observados ao longo dos últimos meses apenas aceleraram uma dinâmica que já considerávamos provável. Diante desse cenário, seguimos priorizando empresas de alta qualidade, com fundamentos sólidos, boa governança e capacidade consistente de geração de caixa, sem uma preferência setorial específica. Nossa alocação continua sendo guiada pela combinação entre qualidade dos ativos, disciplina na análise fundamentalista e atratividade dos *valuations*.

Seguiremos monitorando atentamente as condições macroeconômicas, a evolução do cenário político e os fluxos de liquidez, ajustando as carteiras sempre que julgarmos necessário. Acreditamos que momentos de maior incerteza costumam ampliar distorções de preços e criar oportunidades relevantes para investidores disciplinados, com horizonte de longo prazo e foco na preservação e na geração sustentável de valor.

FUNDO DE FUNDOS



João Uchoa Borges

Head Fundo de Fundos

“ Enquanto as taxas de juros nos mercados globais seguem pressionadas, o cenário eleitoral local abriu espaço para uma recuperação dos ativos de risco no Brasil. ”

Nos mercados globais, agosto foi marcado por uma mistura de tendências e incertezas. A guerra entre Estados Unidos e Irã, embora ainda sem resolução, passou a ter um impacto menor sobre os ativos de risco, permitindo uma valorização de bolsas e commodities. A incerteza sobre os próximos passos do Fed manteve o mercado dividido, uma vez que a inflação segue em trajetória de queda, mas ainda acima da meta. O discurso do chairman do Fed, Kevin Warsh, durante o Simpósio de Jackson Hole, no final do mês, reforçou o compromisso com o controle da inflação, o que aumentou as expectativas de alta de juros na próxima reunião do FOMC.

O Tesouro americano anunciou o aumento das recompras de títulos longos em uma tentativa de estabilizar a curva de juros, que vinha em forte trajetória de alta. Entretanto, o mercado reagiu com desconfiança, e as taxas longas seguiram subindo, enquanto os juros curtos também avançaram. Investidores buscaram proteção em ativos reais, como o ouro, para se blindar desse ambiente de mais incerteza.

No Brasil, agosto foi um mês de dois momentos distintos. Na primeira metade, o real se enfraqueceu, a curva de juros subiu e a bolsa caiu, com forte fluxo de venda por parte de investidores estrangeiros. Na segunda metade, o mercado local se recuperou, impulsionado por dois fatores: o cenário econômico e o ambiente político. O BC realizou mais um corte na Selic, levando a taxa para 14% ao ano, e os indicadores de inflação seguiram surpreendendo positivamente. Isso levava o mercado a precificar mais um novo corte em setembro, mantendo vivo o ciclo de afrouxamento monetário.

As pesquisas eleitorais também passaram a revelar achados mais claros. As intenções de voto do atual presidente caíram, abrindo espaço para um cenário de alternância de poder. Esse desenvolvimento foi visto positivamente pelo mercado, que começou a precificar, ainda que de forma tímida, os impactos de uma eventual mudança de governo.

Portanto, diante de um cenário global incerto, o mercado brasileiro mostrou sinais de recuperação com os dados econômicos positivos e uma mudança no humor político, mas a fragilidade fiscal e as incertezas sobre a trajetória da política monetária seguem como ponto de atenção.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Agosto	1,09%	1,04%	1,20%	1,58%	1,28%	2,13%	-0,33%	-0,20%	-1,26%
2026	9,33%	7,06%	8,25%	6,75%	9,18%	-5,58%	10,11%	10,14%	-6,50%
12 meses	14,63%	12,06%	13,19%	11,00%	13,28%	-4,39%	25,45%	25,32%	-2,49%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação accidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2026, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Agosto/2026. CP 23.2026

September 2026 - Design: AM Creative Services - P2609015

in

X

▶

🌐



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

